

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)



A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 5

 **Atena**
Editora

Ano 2020

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)



A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 5

 **Atena**
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Posaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E724 A educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas 5 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-54-6

DOI 10.22533/at.ed.546201903

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” compila pesquisas em torno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação no Brasil. Apresentamos um conjunto de resultados e propostas que visam contribuir com a educação brasileira a partir de um diálogo intercultural e suas relações com as políticas públicas em educação.

São 108 artigos divididos em 5 Volumes. No Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Políticas Públicas, Gestão Institucional e História e Desafios Socioeducacionais, totalizando 20 textos inéditos.

No Volume 2, os temas selecionados foram Educação Superior e Formação de Professores. São 21 artigos que chamam para um diálogo propositivo e instigante. O índice é um convite a leitura.

Compõe o Volume 3, 25 artigos em torno das temáticas Prática Pedagógica, Educação Especial e Interdisciplinaridade. Este volume é bem crítico e traz propostas inovadoras que merecem atenção especial do leitor.

O Volume 4 traz 20 artigos bem estruturados e também inéditos que discorrem sobre práticas e propostas para a prática do uso das tecnologias em espaço escolar e da Educação de Jovens e Adultos.

Fechamos a obra com 22 artigos selecionados para o Volume 5, agrupados em torno das temáticas do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e de Gênero e Racismo.

A obra “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” está completa e propõe um diálogo útil ao leitor, tanto no desenvolvimento de novas pesquisas quanto no intercâmbio científico entre pesquisadores, autores e leitores.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Eliana Citolim Rech Franciele Silva de Oliveira Marcos da Silva Portella Murilo Miguel Schmitz Maria Cristina Chimelo Paim	
DOI 10.22533/at.ed.5462019031	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE PAIS, FILHOS E ESCOLA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Bianca Andrade de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.5462019032	
CAPÍTULO 3	13
A PARTICIPAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS DE ALUNOS DE UMA TURMA DE PROJETO COMO ELEMENTO MOTIVADOR NA APRENDIZAGEM	
Marcilene Lopes Leal Sameiro Márcia Lopes Leal Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.5462019033	
CAPÍTULO 4	21
ADOLESCENTES POSSUEM ESTRESSE NO MOMENTO DA ESCOLHA PROFISSIONAL?	
Thaís Cristina Gutstein Nazar Nathara Caroline Fernandes Geisiane Gasparin Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.5462019034	
CAPÍTULO 5	29
APRENDIZAGEM BASEADA EM EQUIPES: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Miryan Cristina Buzetti	
DOI 10.22533/at.ed.5462019035	
CAPÍTULO 6	35
CIÊNCIAS HUMANAS NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ENVOLVENDO A TEMÁTICA DO RESPEITO E DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL	
Renato Kendy Hidaka Genivaldo de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5462019036	

CAPÍTULO 7	45
COMPORTAMENTO E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL CONTEMPORÂNEO DE JOVENS E ADOLESCENTES NO COTIDIANO ESCOLAR	
Greyce Roberta de Souza	
Gustavo Roberto Martins	
Thais Aparecida de Castro Ramos Pollice	
DOI 10.22533/at.ed.5462019037	
CAPÍTULO 8	50
ESTUDO DO PERFIL MOTIVACIONAL PARA A APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS, COM APLICAÇÃO DE METODOLOGIA ATIVA EM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS	
Renata Arantes dos Santos	
Jean-Jacques Georges Soares de Grootte	
Daniela Maria Lemos Barbato Jacobovitz	
DOI 10.22533/at.ed.5462019038	
CAPÍTULO 9	59
INTERVENÇÃO EDUCACIONAL SOBRE ABORTAMENTO NO BRASIL COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	
Bruna Mendes Ballen	
Bárbara Fernanda Marinho de Freitas	
Laura Cunha Hanitzsch	
Letícia Fiuza Canal	
Silvana Galvani Claudino-Kamazaki	
DOI 10.22533/at.ed.5462019039	
CAPÍTULO 10	66
O ATENDIMENTO EXTRACLASSE COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL	
Cícero Batista dos Santos Lima	
Marco Antonio de Carvalho	
Reinaldo Araujo Gregoldo	
José Carlos Moreira de Souza	
Cinthia Maria Felicio	
DOI 10.22533/at.ed.54620190310	
CAPÍTULO 11	79
ORIENTAÇÃO ESPACIAL DE CRIANÇAS DE 11 ANOS PRATICANTES DE XADREZ	
Matheus Ramos da Cruz	
Ulhiana Maria Arruda Medeiros	
Pâmella Cristina Dias Xavier	
Telma Antunes Dantas Ferreira	
Katarina Pereira dos Reis	
Jomilto Luiz Praxedes dos Santos	
José Antonio Vianna	
DOI 10.22533/at.ed.54620190311	

CAPÍTULO 12 90

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL E PRÁTICAS INTEGRADORAS NO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES DOCENTES

Elciane Arantes Peixoto Lunarti
Patrícia Arantes Peixoto Borges
Patrícia Garcia Souza Padovani
Cinthia Maria Felicio

DOI 10.22533/at.ed.54620190312

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAPÍTULO 13 102

APEGO: IMPORTANTE ELEMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

Nathália Ferraz Freitas
Cinthia Magda Fernandes Ariosi

DOI 10.22533/at.ed.54620190313

CAPÍTULO 14 108

CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA A BRINCADEIRA DE PAPÉIS NA INFÂNCIA

Bruna Ribeiro de Oliveira Mendes
Paula Ramos de Oliveira
Denis Domeneghetti Badia

DOI 10.22533/at.ed.54620190314

CAPÍTULO 15 116

O TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CORPO

Aldileia da Silva Souza
Eduardo de Freitas Bezerra
Denise Soares Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.54620190315

CAPÍTULO 16 131

UM ESTUDO PILOTO SOBRE PERSPECTIVAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Keli dos Santos Guadagnino
Jáima Pinheiro de Oliveira
Mariana Magni Bueno Honjoya

DOI 10.22533/at.ed.54620190316

CAPÍTULO 17 139

UM OLHAR SENSÍVEL PARA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Daniela Gomes Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.54620190317

CAPÍTULO 18 149

A PESQUISA NO/DO COTIDIANO ESCOLAR: OUVINDO AS VOZES DAS CRIANÇAS

Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria

Renata Silva Lima

Myrtes Dias da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.54620190318

GÊNERO E RACISMO

CAPÍTULO 19 157

E O PASSADO É UMA ROUPA QUE NÃO NOS SERVE MAIS: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A HETEROIDENTIFICAÇÃO FENOTÍPICA EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Eric Rodrigues de Lima

Cristiane da Silveira

Laudicéia Fagundes Teixeira

Paulo Alberto dos Santos Vieira

Simone Ferreira Soares dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.54620190319

CAPÍTULO 20 179

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ-NATAL DO PARCEIRO: REFLEXÕES SOBRE PATERNIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Railene Pires Evangelista

Marília Emanuela Ferreira de Jesus

Georgiane Silva Mota

Daine Ferreira Brazil do Nascimento

Diana Santos Sanchez

DOI 10.22533/at.ed.54620190320

CAPÍTULO 21 188

PERSPECTIVAS DAS DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: O DEBATE NO ÂMBITO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL HENRIQUE LAGE (ETEHL/FAETEC-RJ)

Andrea Peres Lima

Marcelo Farias Lorangeira

DOI 10.22533/at.ed.54620190321

CAPÍTULO 22 203

RELATO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA SOBRE IDENTIDADE E RACISMO

Rodrigo Leonardo Offerni

Thaís Cavalcanti dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.54620190322

SOBRE O ORGANIZADOR..... 217

ÍNDICE REMISSIVO 218

RELATO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA SOBRE IDENTIDADE E RACISMO

Data de aceite: 11/03/2020

Data de submissão: 01/12/2019

Rodrigo Leonardo Offerni

Mestrando no Programa PROFSOCIO – UNESP/
MARÍLIA-SP

<http://lattes.cnpq.br/0107932958939137>

Thaís Cavalcanti dos Santos

Mestranda no Programa para Docência na
Educação Básica

GEPELin – UNESP/ BAURU- SP

<http://lattes.cnpq.br/5956762669862041>

<https://orcid.org/0000-0002-3807-107X>

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma intervenção didática, desenvolvida em onze aulas de história, em um sétimo ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do interior de São Paulo, marcado por recorrentes episódios de racismo que incomodavam algumas alunas e alunos. Recorrendo à Teoria da Atividade e às contribuições de autores como Leontiev e Davidov; aos conceitos de identidade, racismo e estereótipo a partir da perspectiva cultural de Stuart Hall; e a uma abordagem sociológica destas temáticas entre a juventude pela perspectiva de Dayrrel, intencionou-se a superação de clichês raciais que permeiam o cotidiano escolar. Além disso, as atividades planejadas procuravam, em todas

as oportunidades, problematizar o senso comum imperante, que dissimula práticas racistas através de discursos meritocráticos inculcados e reproduzidos nas escolas. Reverberados por estudantes, professores e gestores, clichês racistas, revisionismos e relativismos históricos, ao serem incorporados por estudantes, suscitam uma identidade negativa entre alunas e alunos afrodescendentes, ao mesmo tempo que reforçam o caráter sectário de quem deles se utiliza para reforçar processos sociais de exclusão. Dispondo de recursos imagéticos projetados como slides, vídeos curtos, documentos primários como propagandas racistas de diferentes épocas, aulas expositivas dialogadas e atividades de pesquisa em grupo, a sequência extrapolou as paredes da sala de aula, chegando aos debates entre professores.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Racismo. Teoria da Atividade.

REPORT ON TEACHING INTERVENTION ON IDENTITY AND RACISM

ABSTRACT: This paper presents a didactic intervention, developed in eleven history classes, in a seventh year of elementary school, in a public school in the interior of São Paulo, marked by recurrent episodes of racism that bothered some students. Using the Theory of Activity and the contributions of authors such as Leontiev

and Davidov; the concepts of identity, racism and stereotype from Stuart Hall's cultural perspective; and to a sociological approach of these themes among the youth from the perspective of Dayrrel, the intention was to overcome racial clichés that permeate the daily school life. Moreover, the planned activities sought at all times to problematize the prevailing common sense, which conceals racist practices through inculcated and reproduced meritocratic discourses in schools. Reverberated by students, teachers and managers, racist clichés, revisionisms and historical relativisms, when incorporated by students, they give rise to a negative identity between students and students of African descent, while reinforcing the sectarian character of those who use them to reinforce social processes. exclusion. Featuring projected imagery features such as slides, short videos, primary documents such as racist advertisements from different eras, dialogued lectures, and group research activities, the sequence extrapolated the classroom walls, reaching discussions among teachers.

KEYWORDS: Identity. Racism. Activity Theory

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo sintetiza uma intervenção didática desenvolvida em aulas de História dos Anos Finais do Ensino Fundamental. O tema tratado foi o racismo em interface com seus efeitos na constituição identitária dos alunos do sétimo ano de uma escola estadual do interior de SP, aproveitando a semana da Consciência Negra e episódios de racismo ocorridos em sala de aula, que motivaram o aprofundamento da temática do racismo.

Durante 1º semestre de 2018, uma aluna negra, ao deixar de alisar os cabelos, virou alvo de piadas por parte de um colega. O fato chegou à direção, mas foi tratado como uma ofensa, desprovida de conotação racista. Foi pedido à direção que fizesse uma advertência escrita, comunicasse e esclarecesse aos pais dos alunos. Sem efeito, as convocações dos pais do aluno não tiveram *feedback* e as possíveis sanções ao aluno não aconteceram pois, além de racista, o aluno é absenteísta.

Episódios similares vieram à tona no dia 26/10/2018 na “Situação de Aprendizagem 5” do “Caderno do Aluno” de História Volume II. Na resolução do exercício sobre as formas de resistência à escravidão, uma aluna lembrou da preservação da cultura e do sincretismo religioso como tipos de resistência comuns entre escravos. Ao tentar explicar “sincretismo”, lembrando que os escravos aparentavam “rezar” para santos quando, em verdade, cultuavam outras entidades, do fundo da sala, ouviu-se um “credo, que horror!”, como se a resistência pelo sincretismo fosse uma blasfêmia. A adjetivação negativa aos elementos da religiosidade africana foi repreendida pela estudante que outrora fora alvo da estigmatização racista pelo cabelo crespo. Desta nova situação de antagonismo, originou-se a sequência em que os temas “racismo” e “identidade” teriam a primazia.

A negação do racismo, imperante no senso comum, encontra terreno fecundo para reproduzir-se e inculcar-se como uma valoração desprezível, sempre apoiada em concepções lacunares de identidade. Estas naturalizam a exclusão através de clichês que escamoteiam as desigualdades imperantes, através de máximas discursivas constantemente reafirmadas, a exemplo dos: “somos todos iguais”; “somos todos brasileiros”. Diluidoras de essências, essas máximas omitem suas “negações” (HALL, 2000), já que “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” é apenas da relação com o outro - o “externo constitutivo” - que o significado positivo de qualquer termo e assim da identidade pode ser construído (HALL, 2000, p.110). Disso, depreende-se que a homogeneidade interna da identidade não é natural, mas se constrói a partir de um fechamento, de uma exclusão ou diferenciação do “outro” que silencia.

O entendimento da identidade como processo de negação do outro, do “externo constitutivo” (HALL, 2000) lança luz sobre o fato de em uma sala de aula, com alunos do mesmo bairro, de classe social aproximada e vítimas de estigmas confluentes, os estudantes se afirmarem estereotipando uns aos outros, a partir de características fenotípicas.

Em razão disso, o trabalho objetiva problematizar essa identidade e possibilitar “identidades positivas” (DAIRREL, 2007) aos estudantes, visto que na escola, a perpetuação de identidades negativas, não colabora para o combate à evasão (visto que as vítimas, muitas vezes, acabam abandonando a escola), reafirmando a reprodução de uma estratificação racial perversa no acesso à cultura. Desse modo, pretende-se estimular uma reflexão e uma tomada de consciência desconstrutora dos preconceitos antes naturalizados.

2 | METODOLOGIA

A intervenção foi organizada a partir dos preceitos da teoria da atividade (LEONTIEV, 1978). O tema motivador da intervenção bem como a abordagem nela utilizada recorreram a uma estratégia sociológica para seu desenvolvimento – por meio dos conceitos de identidade, racismo e estereótipos - sem negligenciar o processo histórico pelo qual o racismo estruturou-se no Brasil. Para tanto, na intervenção, os alunos foram instados a pensar nos processos históricos que influenciaram a formulação da ideia da “identidade” e de que forma ela foi incorporada em diferentes grupos sociais e étnicos. Neste contexto, a partir da apropriação dos conceitos de “racismo”, identidade e “estereótipo” puderam pensá-los como práticas violentas em suas mais diversas dimensões.

Participaram da intervenção vinte e sete alunos de uma turma de 7º ano de uma escola estadual de periferia, durante onze aulas, entre os meses de novembro

e dezembro de 2018.

Aula I (20/11/2018) - Aproveitando o dia da Consciência Negra, os alunos precisaram responder em folha separada, anônima, algumas questões postas na lousa: Quem seria eu, no Brasil Colonial? Existem “raças” humanas, tal como existem raças entre outros animais? Existe racismo no Brasil? E em nossa Cidade? E em nossa escola? Se há racismo, como ele se manifesta? Somos todos iguais? Todos recebemos o mesmo tipo de tratamento das instituições (escola, polícia, justiça, entre outras) independente de cor, credo, origem? Debochar ou assediar pessoas pelo tipo de cabelo, pelo tipo de nariz, ou por algum traço físico/genético, são formas de racismo?

Aula II e III (22/11) – Os alunos receberam as folhas de resposta anônimas, distribuídas de modo alheatório. Dispostos em círculo, lemos algumas das respostas mais claras ou legíveis dos questionários outrora aplicados. Na segunda aula, os alunos deveriam comparar suas respostas com as respostas dos colegas.

Aula IV (27/11) – Aula expositiva dialogada sobre o uso da mão de obra escrava na América Colonial do século XV ao XIX, abolição da escravidão, exclusão e racismos.

Aula V (29/11) - Leitura e interpretação de versos de um traficante de escravos europeu (**Anexo 1**) e de uma tabela historiográfica representativa do número estimado de africanos ingressos na América através do tráfico negreiro entre os séculos XV e XIX (**Anexo 2**). Esse exercício servia aos propósitos de: evidenciar o caráter mercantil do tráfico negreiro; desconstruir o discurso corrente de que os africanos já se escravizavam antes da exploração europeia, discurso relativista, que procura amenizar a responsabilidade histórica europeia pela maior diáspora compulsória conhecida (essa “tese” também busca responsabilizar os africanos por sua própria escravidão bem como pelo tráfico negreiro); refletir “[...] recuperar essas situações e ações que estão ocultas no conhecimento já sistematizado” (SFORNI, 2017, p. 88) para que estes conceitos - tráfico negreiro, mercantilismo, lucro, entre outros - se convertessem em instrumentalidade útil ao entendimento da realidade objetiva, marcada pelo escravismo e um de seus legados históricos mais graves: o racismo.

Aulas VI e VII (30/11) – Aula expositiva com slides em PPT contando com obras de Debret, iconografias mostrando os “Navios tumbeiros” e fotografias do XIX, retratando escravos em situação de suplício, bem como em sua cotidianidade (**Anexo 3**). As imagens foram contextualizadas e foi-lhes explicado que seus pintores e ou fotógrafos eram brancos europeus (ou descendentes de europeus), assim com suas respectivas perspectivas. Nesta mesma aula, começamos a conversar sobre a origem das teses racistas do século XIX e XX, a partir da exposição de slides de propagandas Europeias

e/ou Norte-Americanas que rotulavam os africanos, aborígenes e asiáticos como selvagens, sujos, inferiores e/ou selvagens (**Anexo 4**).

Aula VIII e IX (04/12 e 06/12) – Foi introduzido o contato com o conceito de estereótipo, de modo exemplificado. Assistimos ao excerto de vídeo sobre estereótipo do canal “Nerdologia” e procuramos construir uma síntese de “estereótipo” como uma marca, normalmente negativa, associada a determinados grupos sociais. Analisamos algumas propagandas históricas que taxam os afrodescendentes negativamente (**Anexo 5**). Vimos o vídeo “Estereótipos de homens africanos em Hollywood” feito por estudantes universitários africanos negros, que mostravam os rótulos atribuídos aos africanos no cinema norte-americano (mal-humorados, portando facões, de cara fechada) em contraposição à realidade por eles vivida: felizes, estudantes, sem facões, jogando futebol, e saudáveis.

Aula X (07/12) – tomando a premissa presente no texto “Magistério, renações do feminino e da brancura: a narrativa de um professor negro” de *Cláudia Regina de Paula*, que acerta ao defender que no Brasil “considera-se o branco positivo e o negro negativo” e considerando que a “dicotomia [que] caracteriza esses elementos [...] é veiculada no cotidiano, na mídia e nas instituições: a luz/a escuridão; o bem/o mal [...]”, uma das sugestões corroborantes de sua “tese” foi tomada como exercício orientado a ser trabalhado em sala de aula. Os alunos foram orientados a – em grupos - pesquisar em dicionários, as definições para **branco** e o (a) **negro** (a).

Aulas XI - na décima primeira aula, os alunos ouviriam, interpretariam e analisariam uma música do grupo de RAP DMN (**Anexo 6**) para, em seguida elaborarem ações de combate ao racismo e valorização da identidade afro-brasileira na escola.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo a escola um espaço de sociabilidade juvenil (DAIRREL, 2007), faz emergir contradições e situações que se convertem em oportunidades de ensino mediado, potenciais à superação deste estado de perpetuação das desigualdades. Tal superação só é possível a quem é submetido a processos de “apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes” (LEONTIEV, 1978). Assim, só conhece os usos e consequências históricas do racismo (por exemplo) – como a justificativa para o imperialismo, a escravidão judia pelos nazistas, o holocausto chinês, entre outros – quem se apropria da cultura e dos conceitos formulados pelas gerações anteriores de historiadores, cientistas sociais, médicos e inventores ou cientistas de toda e qualquer área do conhecimento. Tal apropriação não ocorre por hereditariedade (LEONTIEV, 1978), pois depende da “atividade que reproduza [...] os traços

essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto” (LEONTIEV, 1978) desta cultura a ser aprendida. Ela é dependente do convívio e da reprodução, no indivíduo, das operações históricas da humanidade que o circunda. E isto só é possível, pela transmissão mediada da cultura humana através da educação, preferencialmente no âmbito escolar.

Essa premissa pôde ser empiricamente testada, à medida que o antagonismo outrora abafado com o discurso naturalizante do “somos todos iguais”, na própria escola que o inculca, passa por situações de fragilidade enquanto “saber”, clichê ou afirmação esvaziada de sentido, que possibilitam problematizá-lo. Nessas situações em que os episódios de intolerância (caso do episódio de racismo) tornam-se recorrentes, longe de serem meras repetições de problemas, eles configuram-se como situações motivadoras do aprender (SFORNI, 2017, p 92), enquanto necessidades de ressignificação dos saberes, por parte dos estudantes, em suas relações com outros estudantes e com o mundo que o circunda.

Combater estereótipos e identidades negativas nos indivíduos estigmatizados, requer do professor envolvido na circunstância de discriminação, mediar as práticas que as desnaturalizem, possibilitando a reconstrução de sentidos, a apropriação dos conteúdos em uma perspectiva dialética, que enverede uma racionalidade menos técnico-discriminatória e mais humanista, tal como Repkin já lembrava: “O problema da ineficácia da educação existente requer a busca de alternativas. A alternativa à educação tradicional só pode ser o ensino humanista e desenvolvente” (REPKIN, 2003, p 3). Abaixo, segue breve descrição dos resultados da intervenção feita.

Aula I - Alguns alunos não terminaram de responder as perguntas no caderno, o que, obviamente, traria problemas de descontinuidade no planejamento.

Aulas II e III - Essa atividade não saiu a contento pois muitos dos que estavam na terça-feira, não estavam na sexta-feira e vice-versa. O objetivo de constatar perspectivas distintas sobre racismo, raça e identidade, no entanto, foi mais ou menos contemplado. Nenhum dos estudantes respondeu que seria escravo no contexto estudado. Um(a) aluno(a) disse que seria quilombola. A maioria defendeu que existe racismo no Brasil, poucos disseram que ele existe no município, mas a maioria admitiu-o na escola. Convém evidenciar a confusão constatada entre racismo, homofobia, e preconceitos em geral, que foram tomados, de modo generalizado como “racismo” por cerca de metade do público. Esse resultado (não tabulado) atestava, de um lado, certa clareza na experimentação de intolerâncias, estigmatizações e, de outro, uma imprecisão entre o conceito (racismo) e seu significado historicamente consolidado e problematizado. Tal conceito, portanto, não superava a abstração inicial sincrética, generalizada, em interação com outros conceitos também esvaziados e, portanto, distante da “redução” que Davydov (1999) projeta como a essência de um conhecimento.

Aula IV e V – Foram evidenciadas e problematizadas algumas reproduções de senso comum: respostas clichês, típicas de um “concreto imediato” (DAVYDOV, 1999), permeadas por valorações excludentes herdadas do contexto Colonial, tais como a de que “os negros eram mais fortes”, ou de que o “índio é preguiçoso”.

Aula VIII e IX - As propagandas de sabonetes (**Anexo 5**) favoreceram a percepção de que os racistas – tanto do século XIX quanto do século XXI – associam o africano e os afrodescendentes à sujeira. As propagandas de cunho sexista possibilitaram a percepção de como a mulher negra é sexualmente objetificada dentro deste imaginário racista, e o vídeo dos meninos africanos serviu à desnaturalização dos estigmas historicamente atribuídos ao continente africano e aos africanos. Já os excertos de filmes do vídeo do canal Nerdologia, facilitaram a percepção dos papéis sociais historicamente imputados aos afrodescendentes em uma sociedade marcada pela intolerância racial, já que o vídeo editava como somente papéis de domésticas, mordomos ou pobretões boçalizados eram reservados aos negros na TV brasileira até a segunda metade da década de 2010.

Os alunos, apropriando-se do conceito de estereótipo, lembraram de como carregam estigmas e estereótipos que os qualificam negativamente. Um deles lembrou do estigma de viverem em um bairro associado à prostituição, e não demorou para que um deles lembrasse do adjetivo usado por uma das gestoras da escola, que os chamava de “neguinhos”.

Aula X e XI - Tal como o esperado, o resultado das pesquisas foi categórico ao evidenciar negro como obscuro/negativo/sujo, e o branco como alvo, positivo, limpo. Cabe ressaltar que os alunos que pesquisaram em dicionários mais recentes encontraram definições menos enviesadas.

Aula XI - A décima primeira aula foi frustrada pelo ínfimo número de alunos, já que a maioria antecipou-se às férias e não compareceu para a aula.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática aplicada no 7º- Ano, apesar de inconclusa e não-submetida a uma avaliação materializada dos conceitos abordados pelas atividades planejadas, mostrou-se profícua, mobilizou os alunos no sentido de colocá-los em atividade, ao mesmo tempo em que possibilitou uma discussão que extrapolou as aulas de história e foi assunto em ATPC – proporcionando debate na última reunião de professores do ano letivo, quando eu e a professora de Educação Física, tivemos que contrapor o discurso clichê enunciado pela professora de “Ciências”, de que “somos todos iguais”, bem como o discurso da gestora que evocou, no momento em que eu explicava que o tráfico negreiro foi o maior sequestro sistemático da História

da Humanidade, que “conhece muitas histórias de traficantes negros de escravos”, como se isso isentasse os Estados Europeus da responsabilidade histórica pela escala industrial do Tráfico Negreiro ao longo dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX.

Tal debate, em que ninguém saiu sem fustigar ou ser fustigado, mobilizou, também o professorado, que, sem dar-se conta, foi posto em atividade, e obrigado a debater algo do qual furtam-se cotidianamente.

Se, inicialmente, os conceitos esboçados pelos estudantes não passavam de abstrações iniciais sincréticas, generalizadas, em interação caótica com outros conceitos – tais como homofobia, aversão a alunas(os) acima do peso ou aos colegas filhos de profissionais do sexo – também confusos em suas essências e sentidos, as atividades planejadas puderam, ainda que tangencialmente, esboçar significados mais essenciais destes preconceitos que, para serem constrangidos, devem antes, ser apropriados pelos estudantes em sua dimensão histórica e sociológica.

REFERÊNCIAS

CANAL NERDOLOGIA. **Racismo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qjp5YJw-f9c>> Acesso em 10 dez. 2018.

DAVIDOV, V.V. O que é atividade de estudo. **Revista «Escola inicial»** № 7, ano 1999.

ESTEREÓTIPOS de homens africanos em Hollywood. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LpDgYNORa40>> Acesso em: 10 dez. 2018.

HALL, S. A questão da identidade cultural. Col. Textos didáticos n. 18/UNICAMP/IFCH, Campinas, 1998, p. 11 *In* BASSINI, Marili **Conceitos teóricos centrais sobre o tema da cultura e da diversidade**, Curso de Especialização Lato Sensu em Ciências Humanas – módulo Cidadania e Diversidade Cultural, p. 3.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 103-133.

LEONTIEV, A.N. O Homem e a cultura. *In* **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.P. 261-284.

PAULA, Cláudia Regina de. Magistério, reações de feminino e da branquira: a narrativa de um professor negro *IN*: ROMÃO, Jeruse (Org). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

REPKIN, V. V.. Ensino desenvolvente e atividade de estudo. **Journal of Russian and East European Psychology**, vol. 41, no. 4, July–August 2003, pp. xx–xx.© 2003 M.E. Sharpe, Inc.

SOUZA, L. M. A. A Sociologia no Ensino Médio Princípios e ações didáticas orientadoras de um ensino que possibilite o desenvolvimento de adolescentes em uma perspectiva Histórico-Cultural. **Obutchénie**: R. de Didat. E Psic. Pedag. IUberlândia, MGlv.1In.1lp.247-257|jan./abr. 2017.

SFORNI, M. S. F.O Método como base para reflexão sobre um modo geral de organização do ensino. *In* MENDONÇA, S. G. L.; PENITENTE, L. A. A.; MILLER, S. (Orgs) **A questão do método e a teoria Histórico-Cultural**: Bases teóricas e implicações pedagógicas Marília: Oficina Universitária; São

ANEXOS

Anexo 1

“Seiscentas peças barganhei:
— Que Pechincha! — no Senegal
A carne é rija, os músculos de aço,
Boa liga do melhor metal.

Em troca dei só aguardente,
Contas, latão – um peso morto!
Eu ganho oitocentos por cento
Se a metade chegar ao porto.”

HEINE, Heinrich. Citado em: BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Anexo 2

TRÁFICO NEGREIRO - Estimativas globais, por época e região

Regiões \ Períodos	1451-1600	1601-1700	1701-1810	1811-1870	Total
Europa	48.800	1.200			50.000
Ilhas Atlânticas	25.000				25.000
São Tomé	76.100	23.900			100.000
América Espanhola	75.000	292.500	578.600	606.000	1.552.100
Brasil	50.000	560.000	1.891.400	1.145.400	3.646.800
Caribe britânico		263.700	1.401.300		1.665.000
Caribe francês		155.800	1.348.400	96.000	1.600.200
Caribe holandês		40.000	460.000		500.000
Caribe dinamarquês		4.000	24.000		28.000
América do Norte inglesa			348.000	51.000	399.000
Total	274.900	1.341.100	6.051.700	1.898.400	9.566.100
Média anual	1.800	13.400	55.000	31.600	22.800

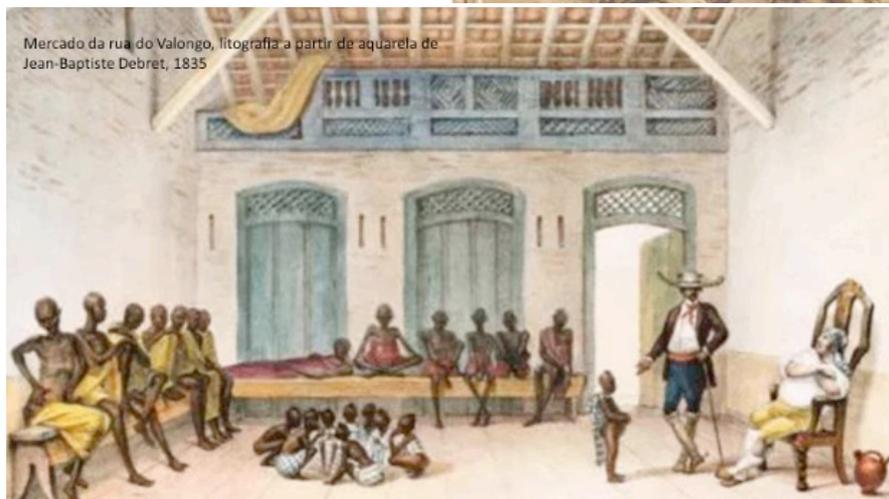
Fonte: P. D. Curtin, *The Atlantic Slave Trade. A census*. Madison, The Univ. of Wisconsin Press, 1969.

http://escravaonaafrica.blogspot.com/2009/11/comercio-de-escravos_24.html

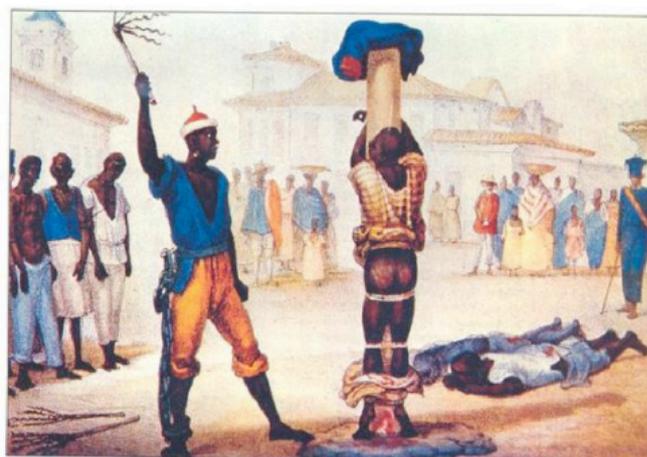
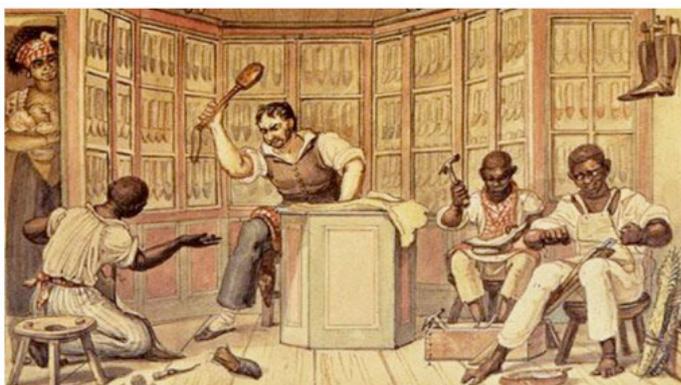
Anexo 3

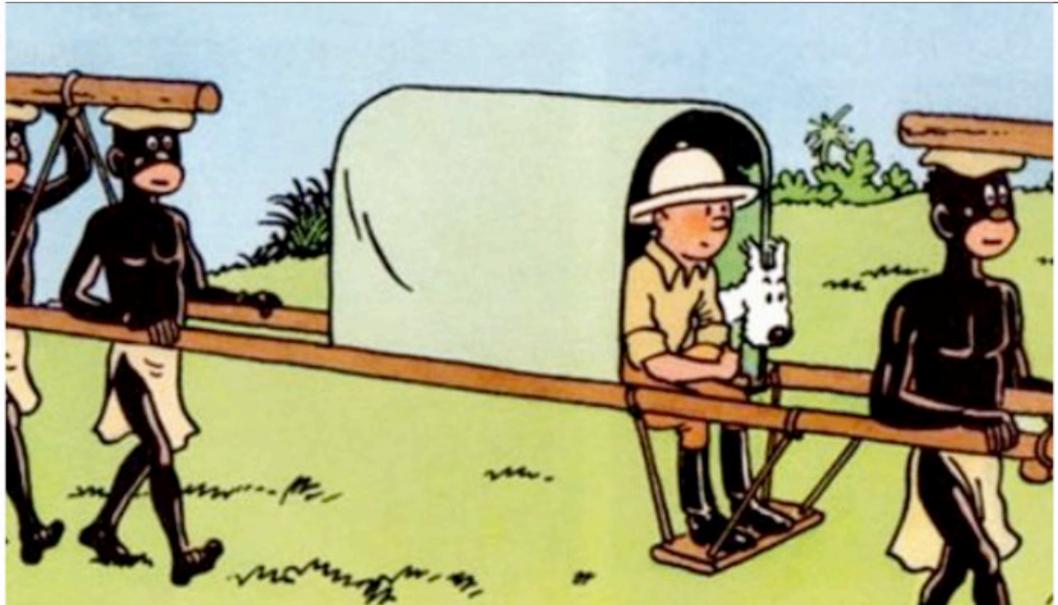


Augusto Gomes Leal com sua ama de leite Mônica, álbumen de João Ferreira Villela, de 1860 (Imagem: ACERVO FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO/ MIN. DA EDUCAÇÃO)



Mercado da rua do Valongo, litografia a partir de aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1835





Anexo 5

Sabão que sempre foi racista em suas campanhas. Podemos observar nesta campanha (abaixo) um negro sendo 'lavado' pelo sabão para que fique com a pele branca.



“Por que sua mãe não o lava com sabão Fairy?”.

KRESPINHA

-a queridinha
do Rio está agora
em São Paulo!

No Rio, todos me conhecem.
Sou KRESPINHA - a melhor
esponja para a limpeza da cozinha.
As paulistas também vão me
querer usar. Você me encontrará
às suas vendas na "SABARCO",
na Filiação de Abreu, 407.



• Krespinha (Esponja
de Aço) - 1952

S. A. BARROS LOUREIRO INDÚSTRIA E COMÉRCIO "Sabarco"

Rua Florêncio de Abreu, 407



Sabonete Dove – Campanha publicitária racista.

Embalagem da
cerveja
Devassa



Anexo 6 -Trecho da música e atividade de interpretação

“H. Aço” do grupo DMN

“(…) Andar na rua vendo o povo em desespero/ brigando pelo melhor lugar/
quem chega primeiro/ vivendo um pesadelo acordado/correndo assustado, cabreiro
com quem está do seu lado/ ver o moleque viciado na televisão/ o baixo nível da
escola e da educação/ a preta linda que não olha no espelho/ tem vergonha do

nariz/ da boca e o cabelo/ o super-herói com apenas doze anos/feliz da vida porque conseguiu um cano/ a piveta que já tem um pivete/ que até dá mamadeira ei mano ela se esquece/ ambição em alto grau/ apocalipse final/ eu não consigo ficar na moral/famílias inteiras estão caindo na vala/ perdendo a resistência/ e o pesadelo não pára/ ser Homem de Aço é resistir/ não posso dar as costas se o problema mora aqui/ eu não vou fugir/ nem fingir que não vi/ nem me distrair/ nenhum playboy paga pau vai rir de mim/ tenho uma meta a seguir/ sou fruto daqui/ se for pra somar/ ei mano chega aí/ pra ser mais um braço/ um guerreiro arregaçado/ contra o poder ser a pedra no sapato/ sem marra, mentira, incerteza, sem falha/ um centroavante nessa grande batalha/ e no limite a humildade faça o seu espaço/ pra ser também um H. Aço.

Sei que não é fácil / Sei que não é fácil / Sei que não é fácil (Ser Homem de Aço)”

Esta letra foi retirada do site www.lettras.mus.br

Após ouvir o rap “Homem de aço”, é preciso pensar acerca do contexto socioeconômico e cultural de sua produção. Com base nisso, reflita:

- a) Quem é ou quem são os enunciadores, ou seja, os produtores da mensagem?
- b) Qual é a contexto social abordado pela música? A música trata da periferia ou dos bairros da elite? Justifique sua resposta.
- c) Identifique no texto (letra da música) duas expressões que evidenciem os grupos de identidades lembrados na música.
- d) No trecho “*a preta linda que não olha no espelho/ tem vergonha do nariz/ da boca e o cabelo*”, existe a representação de uma ‘crise’ a respeito da própria imagem. Explique por que isso ocorre.

SOBRE O ORGANIZADOR

Willian Douglas Guilherme - Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3996555421882005>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 59, 61, 62, 63, 65

Adolescência 6, 21, 22, 25, 39, 45, 46, 110, 186

Apego 102, 103, 104, 105, 106, 107

Aprendizagem 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 41, 46, 50, 51, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 87, 88, 89, 93, 109, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 135, 142, 182, 204

Aprendizagem Baseada em Equipes 29, 30, 31, 33, 34

Atendimento extraclasse 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76

B

Bebê 61, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 135, 141, 144, 145, 147, 183, 184, 185

Bebeteca 139, 140, 141, 142, 144, 147, 148

C

Ciências Sociais 34, 37, 42, 44, 108, 110, 112, 138, 148

Comportamento 3, 10, 11, 17, 45, 51, 57, 103, 104, 109, 112, 118, 119, 120, 198

Cotidiano escolar 13, 15, 16, 18, 19, 20, 45, 78, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 203

Crianças 1, 3, 5, 9, 16, 34, 42, 61, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 102, 103, 104, 106, 107, 112, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 135, 136, 138, 139, 142, 143, 144, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 182, 196, 199

Cultural 16, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 59, 60, 64, 91, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 127, 128, 148, 152, 153, 155, 157, 163, 167, 176, 189, 190, 199, 200, 203, 204, 210, 216

D

Deficiência 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 159, 167

Desempenho Motor 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88

Desenho 47, 116, 126, 154

Desenvolvimento 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 16, 22, 23, 27, 28, 33, 36, 38, 45, 47, 48, 49, 60, 61, 67, 78, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 125, 128, 129, 130, 137, 138, 143, 144, 162, 169, 170, 171, 172, 177, 179, 181, 182, 185, 186, 205, 210

E

Educação do corpo 116, 117, 127, 128, 129

Educação Estética 139, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148

Educação Física Escolar 1, 3, 88

Educação Infantil 88, 109, 115, 116, 117, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 141, 142, 148, 155

Educação Sexual 59, 60, 61, 65

Ensino Fundamental 1, 2, 3, 29, 31, 34, 50, 52, 53, 57, 88, 89, 203, 204

Ensino Médio 25, 35, 36, 37, 38, 41, 44, 46, 59, 62, 66, 67, 70, 74, 76, 77, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 115, 159, 190, 210

Ensino médio integrado 77, 90, 91, 93, 94, 98, 99, 101

Ensino Médio Técnico Integrado 66, 74

Epistemologia Qualitativa 149, 150, 151

Escola 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 28, 29, 31, 37, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 79, 81, 82, 91, 95, 98, 99, 108, 109, 114, 115, 116, 118, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 150, 153, 155, 188, 189, 193, 194, 195, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 215

Escolha Profissional 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Estímulos adequados 1, 2

Estresse 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 49, 105, 106

F

Família 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 22, 25, 26, 113, 126, 179, 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 193, 194, 196

I

Inclusão 131, 132, 137, 138, 174, 181, 185, 190

J

Jogos de papéis 108, 112

L

Literatura Infantil 139

M

Motivação 13, 15, 17, 18, 19, 20, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 104

Música 116, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 207, 215, 216

O

Omnilaterallidade 90

Orientação espacial 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89

P

Periodização histórico 108, 110, 114, 115

Pesquisa no/do cotidiano escolar 149, 150, 152

Politecnia 90, 92, 95, 101

R

Relacionamento 7, 8, 11, 13, 18, 76, 118, 179, 183

Relato de Experiência 29, 31, 59, 179

Responsáveis 10, 13, 18, 19, 23, 52, 67, 83, 118, 166

S

Sentimentos 45, 48, 63, 145

Sociologia da Infância 149, 154

X

Xadrez 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

 **Atena**
Editora

2 0 2 0